



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL

BRUNA LIMA DA ROCHA

INFERIORIZAÇÃO DO NEGRO – UM DISCURSO QUE PERPASSA GERAÇÕES

Cerro Largo
2020

BRUNA LIMA DA ROCHA

INFERIORIZAÇÃO DO NEGRO – UM DISCURSO QUE PERPASSA GERAÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras – Português e
Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul,
Campus Cerro Largo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jeize de Fátima Batista

Cerro Largo

2020

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Rocha, Bruna Lima da.

Inferiorização do Negro - Um Discurso que Perpassa Gerações/ Bruna Lima da Rocha. -- 2020. f. Orientadora: Doutora Jeize de Fátima Batista

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro Largo, RS, 2020.

I. Batista, Jeize de Fátima, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

BRUNA LIMA DA ROCHA

INFERIORIZAÇÃO DO NEGRO – UM DISCURSO QUE PERPASSA GERAÇÕES

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.
Orientadora: Profa. Dra. Jeize de Fátima Batista

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

15/ 09/ 2020

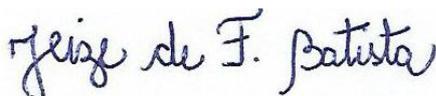
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Jeize de Fátima Batista – UFFS
(Presidente/Orientadora)



Profa. Dra. Ana Beatriz Ferreira Dias – UFFS*



Prof. Dr. Demétrio Alves Paz – UFFS*

À minha mãe Elisa, pelo apoio e palavras de incentivo todas as vezes que eu precisei e tive a impressão de que não conseguiria seguir adiante.

À Deus, por proteger e guiar meus caminhos.

À professora Jeize, pela dedicação e carinho.

Aos professores do Curso de Letras pelos conhecimentos compartilhados ao longo desses últimos anos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é saber reconhecer que ninguém consegue caminhar sozinho e sabendo disso eu quero agradecer a tantas pessoas amadas que fizeram parte dessa caminhada e que estarão para sempre guardadas no meu coração.

À Deus, por ter me dado tantas oportunidades e sempre me mostrado qual o melhor caminho a seguir.

À minha mãe e irmãos por entenderem a minha ausência, não só durante a produção do TCC, mas durante o curso também, pelos momentos de cansaço e estresse.

Às escolas que abriram suas portas para que eu fizesse estágios nelas e às professoras que me receberam tão bem e permitiram que eu entrasse em suas turmas.

Às minhas colegas de curso e amigas Carline, Larissa e Layrane, que estiveram comigo desde o início, fazendo trabalhos, dividindo preocupações e incentivando.

À minha orientadora Jeize, que me aceitou como sua orientanda, que acreditou na minha capacidade, que me forneceu tantos materiais para pesquisa e sempre me recebeu com um carinho enorme. Obrigada!

Nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está sempre à espera do nosso olhar para aparecer, à espera da nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar (Foucault, 1979, p.113).

RESUMO

No presente artigo, analisou-se, com base numa perspectiva discursiva, o conteúdo da fala de algumas crianças negras dentro de um estudo chamado "Doll Test". O trabalho parte do pressuposto de que as crianças estão reproduzindo vozes outras no seu próprio discurso. Ou seja, algumas crianças negras praticam o auto-racismo por ser uma cultura enraizada na sociedade desde a época da escravidão. Para entender o discurso dos sujeitos envolvidos utilizou-se como base a teoria da Análise do Discurso, de linha francesa, do filósofo Michel Pêcheux e os textos da linguista Eni Orlandi, introdutora da AD, no Brasil, nos anos 70. No decorrer das análises entendeu-se que a AD considera o sujeito, seus sentimentos e a influência da sociedade, confirmando a teoria de que o sujeito reproduz vozes outras em seu discurso. Concluiu-se, pelas análises efetuadas que o discurso transmitido ao longo das gerações tornou-se dominante, mas não é o ser humano que nasce com essa concepção, e depende de cada um romper os elos dessa corrente que um dia já serviram para prender cativos e hoje, prendem homens livres.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Representação do Negro. Historicidade.

RESUMEN

En el presente artículo, basado en una perspectiva discursiva, el contenido del habla de algunos niños negros dentro de un estudio llamado "Prueba de muñecas". La obra supone que los niños están reproduciendo otras voces en su propio discurso. O sea, algunos niños negros practican el auto-racismo porque es una cultura arraigada en la sociedad desde la época de la esclavitud. Para entender el discurso de los temas involucrados, la teoría del análisis del discurso, de la línea francesa, del filósofo Michel Pêcheux y los textos del lingüista Eni Orlandi, introductora del AD, en Brasil, en la década de 1970, se utilizó como base del análisis del discurso. En el curso de los análisis, se entendió que el AD considera el tema, sus sentimientos y la influencia de la sociedad, confirmando la teoría de que el sujeto reproduce otras voces en su discurso. Se concluyó, con los análisis realizados que el discurso transmitido a lo largo de las generaciones se ha vuelto dominante, pero no es el ser humano quien nace con esta concepción, y depende de que cada uno rompa los vínculos de esta corriente que una vez sirvió para detener a los cautivos y hoy, detienen a los hombres libres.

Palabras-clave: Análisis del discurso. Representación del Negro. Historicidad.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A GÊNESES DA AD	12
2.1	SENTIDO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	14
2.1.1	Sentido	15
2.1.2	Condições de produção	15
2.2	TEXTO E DISCURSO	16
2.2.1	Texto	16
2.2.2	Discurso	16
2.2.2.1	Formações discursivas, intradiscurso e interdiscurso	17
2.3	SUJEITO E INTERPRETAÇÃO	19
2.3.1	Sujeito	19
2.3.1.1	Assujeitamento	19
2.3.2	Interpretação	19
2.4	IDEOLOGIA E PODER.....	20
2.4.1	Ideologia	20
2.4.1.1	Formações ideológicas.....	21
2.4.1.2	Interpelação ideológica.....	21
2.4.2	Poder	22
2.5	HISTORICIDADE NA AD	22
3	NEGRO: HISTORICIDADE E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA	24
4	O VÍDEO “DOLL TEST”	29
5	METODOLOGIA	31
6	TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO	32
7	ANÁLISE DAS SENTENÇAS DISCURSIVAS	34
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41
	ANEXO 1 – VÍDEO BASE PARA O PROJETO DE PESQUISA	43

1 INTRODUÇÃO

*“Triste época!
É mais fácil desintegrar um átomo do que
um preconceito”.*

(Albert Einstein)

Este trabalho de conclusão de curso, TCC II, busca desenvolver uma pesquisa com base no vídeo “Doll Test”. O vídeo traz uma questão social referente ao racismo presente nas respostas de crianças para perguntas feitas no teste. O experimento é formado por crianças sentadas numa sala, respondendo a perguntas feitas por um entrevistador, as questões são objetivas e referentes as bonecas branca e negra que repousam sobre a mesa.

A teoria deste artigo e a análise do vídeo terão perspectivas discursivas com base em Coracini, Orlandi, Pêcheux, Toschetto, entre outros. Esses teóricos trazem a análise do discurso pela perspectiva da AD Francesa, a presença do sujeito no discurso e a influência de outros nele: no caso deste estudo, o preconceito racial que ainda está presente na sociedade e a visão que o negro tem sobre o branco e sobre ele mesmo.

Esta pesquisa visa analisar se as respostas dadas pelas crianças entrevistadas acontecem de forma inconsciente, devido à reprodução de vozes outras que as crianças escutam desde o início de suas vidas, e de sua formação social e intelectual, ou se é algo proveniente da natureza humana através da concepção de seres naturalmente preconceituosos. O trabalho permitirá uma reflexão sobre a questão racial, principalmente pelo comportamento demonstrado pelas crianças.

A presente discussão consistirá em apresentar, numa primeira seção, a introdução contendo os autores das obras consultadas para o desenvolvimento da pesquisa e, os possíveis desfechos para o seu resultado: se as respostas dadas pelas crianças no teste são inconscientes ou não, como já citado anteriormente.

Num segundo momento, apresenta-se o referencial teórico da Análise do Discurso, teoria formulada nos anos 60, na França, pelo filósofo Michel Pêcheux e trazida ao Brasil nos anos 70 pela linguista e professora Eni Orlandi.

Após a teoria, mas como um apêndice complementar da mesma, este trabalho traz informações sobre algumas nomenclaturas importantes dentro da AD: sentido,

condições de produção, texto, discurso, interdiscurso, intradiscurso, formações discursivas, sujeito, assujeitamento, interpretação, ideologia, poder e historicidade.

Na sequência, tem-se uma retrospectiva da história do negro na sociedade, sua retirada da África, escravidão, sofrimento e causas que o predestinou ao preconceito até os dias atuais. Com a finalização dos dados históricos o trabalho faz a apresentação do vídeo “Doll Test” e seus criadores.

Posteriormente, é aprestada a transcrição dos fragmentos da entrevista que compõem o objeto de análise, as perguntas feitas pelo locutor e as respostas dadas pelas oito crianças seguidas pela metodologia utilizada no projeto.

Logo após a metodologia é feita a análise das sentenças discursivas, na qual, além das respostas dadas pelas crianças, são levados em consideração o ambiente, o silêncio e as expressões durante o teste.

Além disso, este trabalho traz nas considerações finais o que foi possível extrair da pesquisa e a bibliografia utilizada para a fundamentação e, em anexo, o vídeo “Doll Test” que foi a base deste estudo.

2 A GÊNESES DA AD

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

(Michel Foucault)

A Análise do Discurso, intitulada inicialmente como Análise Automática do Discurso (AAD), da chamada escola Francesa, foi uma teoria desenvolvida nos anos 60 pelo filósofo Michel Pêcheux e publicada no ano de 1969, juntamente com a revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, e que buscava entender a essência do ser humano, o que estava no seu inconsciente. A teoria de Pêcheux surgiu como reação a duas fortes tendências em destaque no campo da linguagem: o estruturalismo e a gramática gerativa transformacional.

No Brasil, tem-se a linguista e professora universitária Eni Orlandi, nascida no ano de 1942 em São Paulo, como a principal introdutora da Análise do Discurso de linha Francesa na década de 70.

O estruturalismo, de Saussure, centrava-se nas regras da língua quanto sistema e conjunto de signos linguísticos utilizados por uma massa de falantes e nas convenções sociais que permitiam a sua projeção pelo sujeito, não no discurso. O interesse principal estava na infraestrutura da língua, aquilo que é comum a todos os falantes e que funciona em um nível inconsciente. Sobre a língua Saussure fala:

Ela [a língua] é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem [...]. Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la [...].
A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente [...]. Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea [...].
A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo (SAUSSURE, 2006 apud FONTOURA, 2015, p. 12).

Logo, o principal objetivo do estruturalismo era descrever os sistemas linguísticos, de um modo formal, sem levar em consideração o falante ou o meio em que ele estava inserido e o quanto esse meio pode ter influenciado na construção do seu discurso e na forma como ele o utiliza.

Por sua vez, a gramática gerativa transformacional, de Noam Chomsky, dá continuidade ao estruturalismo, buscando, através da formalidade, um modo de explicar os enunciados na sua universalidade. A teoria toma como base o inatismo, no qual considera-se que a linguagem está inscrita no código genético da natureza humana e é ativada pelo meio em que o sujeito está inserido durante a sua vida.

Sendo assim, a Análise do Discurso surge como uma forma de combater o que estava sendo pregado pelo estruturalismo e pela gramática gerativa transformacional. A AD Francesa passou a considerar o sujeito, seus sentimentos e a influência da sociedade. A língua ainda era importante, mas compreendeu-se que de nada valia sem o sujeito que a colocava em prática.

A Análise do Discurso, em seu quadro epistemológica, se apresenta como a articulação de três regiões do conhecimento científico, como observam Pêcheux e Fuchs:

- 1- O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações.
- 2- A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
- 3- A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos (PÉCHEUX e FUCHS, 1975 apud ORLANDI, 1996, p. 19).

Segundo Orlandi (1996), o quadro epistemológico da análise do discurso visa o conhecimento do processo de produção da linguagem que se dá na articulação dessas três regiões do conhecimento.

Opondo-se ao estruturalismo, de Saussure, e à gramática gerativa transformacional, de Noam Chomsky, a AD Francesa buscou apoio em duas grandes teorias: a ideologia, de Louis Althusser, e o discurso, de Michel Foucault.

Segundo Althusser (1976 apud TASCHETTO, 2002, p. 32), a linguagem é a forma que o ser humano se constitui como sujeito na sociedade em que vive e essa linguagem é composta por um discurso ideológico que o sujeito escutou de outros desde o seu nascimento, essa ideologia é o que transforma o indivíduo em sujeito.

Também, Althusser (1976 apud TASCHETTO, 2002 p. 32), prega que o discurso promove a relação entre língua e ideologia, na qual a língua é o instrumento de comunicação e a ideologia é tudo aquilo que a sociedade prega para os seus

membros ao longo dos anos, por considerar correto ou, simplesmente, alienação de massa.

O discurso também permite que o sujeito se ressignifique através dele ao proferir vários discursos em tempos diferentes, pois algo dito anteriormente chega primeiro que o sujeito e é chamado de memória discursiva que volta através do interdiscurso.

Assim, como um sujeito pode se ressignificar e mudar coisas proferidas anteriormente em seu discurso ele também pode manter o que foi dito e continuar dizendo, como uma identidade própria que liga um discurso já dito com outro que virá, isso é chamado de intradiscurso, que será visto no item 2.2.2.1, juntamente com o interdiscurso, já citado anteriormente.

Todos os discursos são compostos por palavras outras, coisas já ditas por outras pessoas em outras situações, mas que por algum motivo ou ideologia social estão sendo utilizadas novamente e isso não significa que o indivíduo esteja fazendo uso do intradiscurso e sim do repetível.

Ainda, Orlandi (1996), diz que todo discurso nasce em outro, sua matéria-prima, e aponta para outro, o futuro discursivo. Por isso não se trata nunca de um discurso, mas de um *continuum*. Assim, o estado de processo discursivo deve ser compreendido como resultado de processos discursivos sedimentados.

Em suma, a AD visa a compreensão na mesma medida em que visa explicitar a história dos processos de significação, para atingir os mecanismos de sua produção. Assim, concentra-se nos processos de produção de sentido e por isso servirá para embasar as sequências discursivas do vídeo “Doll Test” e todo o contexto desse estudo a fim de verificar se as respostas dadas pelas crianças entrevistadas são interpretações próprias ou se estão reproduzindo um discurso do outro.

Por fim, todos os indivíduos fazem parte de apenas uma espécie, a humana. Ela não separa as pessoas por cor, sexo ou classe social. Essas divisões são feitas pelo próprio ser humano que insiste em querer ser diferente e superior ao seu semelhante e torna ideológico discursos preconceituosos.

A seguir, têm-se alguns conceitos próprios da área da análise do discurso e que serão utilizados ao longo do presente trabalho.

2.1 SENTIDO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

2.1.1 Sentido

Para a AD sentido é o significado das palavras durante o uso, mas ele pode variar de acordo com a situação e contexto em que essa determinada palavra é utilizada. Diferente de outras teorias, a AD considera a palavra empregada no contexto, o significado e o sentido que quer produzir nesse espaço.

Sendo assim, as palavras podem possuir mais de um significado, algo que foi agregado ao longo do tempo por comunidades de falantes e que apenas sabendo o contexto em que ela foi utilizada é possível dar o seu real significado. Sabendo disso a AD busca identificar como a língua realiza os processos de construção de significados, pois ela é a realidade viva das comunidades de falantes que constituem o sentido socialmente.

Orlandi diz que, “uma palavra recebe o seu sentido na relação com outras da mesma formação discursiva e o sujeito falante aí se reconhece” (ORLANDI, 1996, p.58). A mesma autora ainda ressalta que o sentido é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido de acordo com as posições daqueles que as empregam.

2.1.2 Condições de produção

As condições de produção variam de acordo com o ambiente e, naturalmente, são diferentes para os indivíduos que não estão inseridos no mesmo meio. Logo, é o reconhecimento da influência do contexto em que esse indivíduo está inserido.

Sobre as condições de produção Orlandi diz que:

[...] as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação [...]. Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (ORLANDI, 2001 apud SOMMAVILLA, 2010, p. 19).

De acordo com o trecho transcrito, as palavras não são próprias de um único indivíduo, elas já possuem significado na língua e na história, carregando então uma carga consigo.

Orlandi (2001 apud SOMMAVILLA, 2010, p. 19), também afirma que os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas, são efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas e que estão presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de aprender.

2.2 TEXTO E DISCURSO

2.2.1 Texto

O texto é uma interação entre o escritor e o leitor, é uma mensagem que pode ser passada muito tempo depois de ser escrita, até mesmo depois da morte de quem a produziu, sendo uma forma de permanecer vivo ao longo dos anos.

Segundo Orlandi (1996), o texto é unidade de análise, mas não é unidade de construção do discurso. A unidade de construção do discurso é o enunciado, mas ele tem de ser referido ao texto para poder ser apreendido no processo de construção do discurso. Um texto, tal como ele se apresenta enquanto unidade de análise, é uma espécie linguística fechada nela mesma: tem começo, meio e fim. É preciso tomar o texto como discurso, enquanto estado determinado de um processo discursivo. O conceito de discurso deve aí ser entendido enquanto conceito teórico, que corresponde a uma prática: efeito de sentido entre locutores.

2.2.2 Discurso

O discurso é o objeto de estudo da AD francesa e exerce função primordial dentro desta teoria. Analisar o discurso é tentar desvendar o significado das palavras, é compreender as relações linguísticas entre os sujeitos.

O discurso para a AD, não é um conjunto de textos, é uma prática discursiva não individual, nem universal, mas particular, identificada como um domínio de saber, ou seja, como uma formação discursiva, denominação que será vista logo na sequência.

Orlandi afirma que, “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2007 apud FONTOURA, 2015, p. 16). Ainda, a autora explica que a língua é a condição de possibilidade do discurso, sendo assim pode-se interpretar que a língua é o meio de transporte para o discurso, o lugar que vão se realizar processos discursivos que servirão como análise. Sobre o sentido foi falado anteriormente no item 2.1.1.

Para Maingueneau (1976 apud ORLANDI, 1996, p. 69), o conceito de discurso desposui o sujeito falante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento dos enunciados, cujas condições de possibilidade são sistematicamente articuladas sobre formações ideológicas.

2.2.2.1 Formações discursivas, intradiscurso e interdiscurso

A formação discursiva é um conceito fundamental para o discurso e, conseqüentemente, para AD. A FD pode ser entendida como uma regularidade entre vários discursos, seja na enunciação, conceitos ou temas.

Pêcheux define a FD com as seguintes palavras:

A formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em uma relação consigo mesmo e com outros sujeitos) e aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que eu e tu somos sujeito) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 1996, p. 58).

Sabendo que a formação discursiva dá origem ao discurso e determina o que pode ou não ser dito dentro dele para seguir um padrão na língua deve-se deixar claro que ela é delimitada pelo interdiscurso no qual os objetos apropriados pelo sujeito do discurso surgem e se articulam. A formação discursiva também pode ser vista como a constituição de um discurso em relação a outro já existente.

Por sua vez, o intradiscurso cuida da coerência argumentativa do discurso, é a língua em si, suas normas, a matéria linguística, ideológica, literária e simbólica, já o interdiscurso é a teoria na prática, é como seus falantes utilizam a língua. Na AD diz-se que o interdiscurso determina o intradiscurso, com isso se percebe uma enorme relação entre eles e que um depende do outro para a significação do discurso.

Segundo Orlandi (1999 apud FONTOURA, 2015, p. 18), o interdiscurso é a memória, quando tratada na perspectiva do discurso. Tudo o que já foi dito por alguém, em algum lugar, em outro contexto pode retornar sob a forma de um ‘pré-construído’, trazendo diferentes pressupostos e, determinando, materialmente o efeito de encadeamento discursivo e articulação de tal modo que aparece como puro o “já-dito”.

Em outras palavras, pode-se dizer que o interdiscurso é um conjunto de discursos, que podem ser de dimensões bem variáveis, mas que possibilita dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

No que se refere ao intradiscurso, a AD o considera como o “fio do discurso” de um mesmo sujeito, ou seja, o seu discurso ao longo do tempo. O interdiscurso compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a re-significação do sujeito, sobre o que já foi dito, o repetível. Também é chamado de memória discursiva, memória do dizer.

Sobre esses dois pontos da AD e a conexão deles, Pêcheux fala que “a forma-sujeito, tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência” (PÊCHEUX, 1995 apud FONTOURA, 2015, p.20).

A Formação Discursiva é definida por Pêcheux e Fuchs como “aquilo que, numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX e FUCHS, [1975],1993 apud BATISTA, 2005, p. 20). Uma formação discursiva é constituída pela contradição, apresentando fronteiras fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em sua relação com outras formações discursivas.

E ainda, quanto à formação discursiva, Foucault ressalta que

No caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transposições) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2000 apud BATISTA, 2005, p. 26).

Para Foucault, a FD possui alguns pontos que facilitam a sua formação, como ordem, correlações, posições e funcionamentos e transposições. Esses pontos possibilitam a determinação dos elementos que compõem o discurso.

2.3 SUJEITO E INTERPRETAÇÃO

2.3.1 Sujeito

Para a AD, o sujeito é assujeitado, não é produtor de sentido, é composto por diversas formações discursivas, inserido dentro de ideologias familiares e sociais e sem controle sobre o que pensa ou diz, pois seu discurso apenas re-significa o já dito. Logo, o sujeito não é visto na sua individualidade, mas na coletividade.

Já Orlandi diz que, “o sujeito, por sua vez, ao dizer, se significa e significa o próprio mundo” (ORLANDI, 2001 apud SOMMAVILLA, 2010, p. 23). Partindo dessa afirmação, é através do discurso que o sujeito se constitui na sociedade, passa a ser visto e entendido.

2.3.1.1 Assujeitamento

Pêcheux (1988 apud SOMMAVILLA, 2010, p. 24), diz que o assujeitamento ideológico conduz cada pessoa a acreditar que, a partir de sua livre vontade, pode se colocar, sob a forma discursiva, no lugar de uma ou outra classe social, antagonistas no modo de produção. Assim, embora o indivíduo pense que tem autonomia discursiva, na realidade apenas se submete às condições de produção a que está sujeito.

De acordo com Orlandi (1996), o assujeitamento surgiu na idade média e, para esse sujeito medieval, ele se dava pela determinação, já para o sujeito moderno, se dá pela interpelação.

Segundo Brandão (1995 apud BATISTA, 2005, p. 17), o assujeitamento ideológico consiste em fazer com que cada indivíduo, sem que ele tome consciência, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade, sendo levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos e classes de uma determinada formação social.

2.3.2 Interpretação

A interpretação é a forma como o sujeito entende o mundo, sua visão atribuído sentido ao que vê e, posteriormente, ao que diz.

Para Orlandi (1996 apud SOMMAVILLA, 2010, p. 24), não há discurso sem sujeito, pois o discurso precisa de um meio para existir, e nem sujeito sem ideologia, considerando que o sujeito precisa de um sistema com regras e crenças para existir. Isso quer dizer que o discurso, o sujeito e a ideologia são os três fatores fundamentais para que haja uma interpretação realmente efetiva. Assim, a interpretação é o lugar em que se tem a relação do sujeito com a língua.

2.4 IDEOLOGIA E PODER

2.4.1 Ideologia

Segundo Brandão:

essa ideologia em geral seria, no fundo, 'a abstração dos elementos comuns de qualquer ideologia concreta, a fixação teórica do mecanismo geral de qualquer ideologia' e, para explicá-la, Althusser formula três hipóteses:

- a) "a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência".
- b) "a ideologia tem uma experiência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas".
- c) "a ideologia interpela indivíduos como sujeitos (BRANDÃO, 1995 apud BATISTA, 2005, p. 18-19).

Na primeira hipótese de Althusser, a ideologia é vista como a maneira pela qual os homens vivem sua relação com as condições reais de existência, e esta relação é imaginária. Na segunda, a ideologia se faz presente nas ideias de um sujeito e reflete em seus atos. E, na terceira, que toda ideologia tem por função 'constituir' indivíduos concretos em sujeitos, pode-se dizer que, essa constituição se faz mediante a operação de interpelação dos sujeitos pela ideologia.

Partindo desse pressuposto e ainda discutindo sobre a questão da ideologia, Orlandi (1996 apud SOMMAVILLA, 2010, p. 25), afirma que a ideologia necessita de interpretação, pois não é consciente, ela é o efeito da relação do sujeito com a língua e com a história, tudo para que se signifique. O papel principal da ideologia é fazer com que os indivíduos sejam sujeitos participantes das ações.

2.4.1.1 Formações ideológicas

As formações ideológicas governam o discurso e levam às formações discursivas que determinam o que pode ou não ser dito dentro de uma ideologia social. Na formação ideológica o indivíduo se constitui como sujeito dentro da sociedade através da língua, mas pode retomar o seu discurso ao longo do tempo e reformulá-lo, ressignificando assim a sua existência.

As FIs são descritas por Pêcheux e Fuchs como “o conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas que reportam mais ou menos diretamente as posições de classe em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX e FUCHS, [1975], 1993 apud FONTOURA, 2015, p. 21).

Assim como o indivíduo pode afirmar algo, mas deixar transparecer o contrário ao longo do seu discurso, como ideias e conceitos construídos por outras pessoas, mas que passam a fazer parte dele sem que ele tenha a intenção, são as vozes outras.

2.4.1.2 Interpelação ideológica

Brandão descreve a interpelação como:

[...] consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos ou classes de uma determinada formação social (BRANDÃO, 1998 apud SOMMAVILLA, 2010, p. 26).

Assim, a interpelação é o mecanismo preciso pelo qual a ideologia constitui os indivíduos como sujeitos, causa uma falsa sensação de liberdade, de estar fazendo algo por vontade própria, mas na realidade o ser humano foi induzido e já se esperava que seguisse certos caminhos e fizesse determinadas coisas, tudo produto de uma sociedade com regras.

Kashiura também fala sobre a interpelação ideológica

A ideologia, pode-se então afirmar, interpela os indivíduos como sujeitos e existe materialmente (como ideologia) precisamente no movimento dessa interpelação. Essa interpelação que constitui indivíduos como sujeitos é, ao

mesmo tempo, uma imposição da estrutura social sobre o indivíduo, imposição que designa ao indivíduo qual é o seu “papel” no processo social. A interpelação constitui sujeitos, portanto, em duplo sentido, explicitando a ambiguidade já encerrada no próprio termo sujeito: constitui o indivíduo como sujeito de seus atos, como “livre”, “capaz” e “responsável” por seus atos, e, ao mesmo tempo, constitui o indivíduo como assujeitado, como submetido a uma estrutura social que se impõe independentemente de sua escolha (KASHIURA, 2015, p. 19).

De acordo com kashiura, a ideologia é a responsável por interpelar os indivíduos em sujeitos, é uma imposição da estrutura social e serve, também, para assujeitar esse mesmo indivíduo.

2.4.2 Poder

Para Foucault, “o poder não é um objeto natural, mas sim uma prática social e, como tal, constituído historicamente. Ele expande-se pela sociedade, assume as formas mais regionais e concretas, investe em instituições, toma corpo em técnicas de dominação” (FOUCAULT, 1985 apud SOMMAVILLA, 2010, p. 26).

O poder normalmente é exercido pelo mais forte e uma única pessoa ou entidade, pois o poder nas mãos de muitos deixa de ter efeito, no caso da sociedade o poder está na mão do estado. Por sua vez, o poder na mão de poucos causa insatisfação da maioria e até mesmo resistência, mas ao mesmo tempo ajuda a chegar num acordo mais rapidamente, a fim de que haja progresso sempre.

2.5 HISTORICIDADE NA AD

Para os analistas do discurso, a história é constitutiva da produção de sentidos. Logo, trabalhar a historicidade implica em observar os processos de constituição dos sentidos. Desse modo, a noção de historicidade desloca a noção de história como conteúdo e como fonte de interpretação.

Nunes (2005), no artigo *Leitura de Arquivo: Historicidade e Compreensão*, diz que a AD voltou-se para a Nova História, mas que não deixou de refletir sobre os longos períodos do passado explicitando continuidades e rupturas, mostrando os efeitos discursivos de imagens históricas tais como as da colonização, da Independência, da República, entre outras, e que continuam produzindo seus efeitos, como é o caso da escravidão, um dos assuntos tratados no presente artigo.

Heidegger, em *Ser e tempo*, define a historicidade como a estrutura do acontecer humano, ou a temporalização de sua temporalidade (HEIDEGGER, 1996 apud ARAUJO, 2013). A temporalidade como estrutura, está relacionada com a análise existencial do ser humano como um ser entre nascimento e morte, mas o qual a existência pode provocar efeitos até mesmo depois do seu fim.

Sabendo do significado de historicidade dentro da AD, no próximo capítulo, *Negro: Historicidade e Formação Ideológica*, se realizará a descrição da história do negro, desde a captura até a liberdade e como essa trajetória influenciou na visão preconceituosa que se tem do mesmo até os dias atuais.

3 NEGRO: HISTORICIDADE E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

“Nossa relação com a vida social é medida pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade. Assim, uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento que entra em contato com essa rede”.

(Silvio Almeida)

Para que seja possível conhecer melhor a historicidade do negro e os motivos que levaram as crianças do vídeo “Doll Test” a terem uma visão preconceituosa em relação à boneca negra, foram selecionados três autores que são referência no assunto, Silvio Almeida, Laurentino Gomes e Jessé Souza. Todos possuem obras bastante atuais e abrangentes.

O autor Laurentino Gomes é branco, mas sua obra está presente no artigo por possuir dados históricos, sobre a escravidão, de grande importância para o trabalho. No entanto, para aqueles que preferem uma escrita mais pessoal e acreditam que apenas o negro pode falar de escravidão têm-se Almeida e Souza.

O termo escravo, segundo Gomes (2019) é derivado do latim *slavus*, que, por sua vez, servia para designar os eslavos, nome genérico dos primeiros escravos e habitantes da região dos Bálcãs, na Rússia, grande fornecedora de mão de obra cativa para o Oriente Médio e o Mediterrâneo até o início do século XVIII. Os escravos capturados nessa região eram pessoas brancas, de cabelos loiros e olhos azuis, bem diferentes da concepção de escravo que se formou ao longo dos anos.

Com o passar do tempo, o escravo branco foi substituído pelo negro e o preconceito racial criado em relação a esse grupo tornou-se enorme e atravessou várias gerações, chegando até as crianças do vídeo analisado. Almeida descreve o racismo como:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2019, p. 32).

O autor diz que o preconceito nem sempre acontece de forma consciente, mas que é algo que simplesmente transparece quando se sente e que pode gerar muitos

problemas para quem o sofre, sejam psicológicos ou sociais. O mesmo autor faz uma relação entre a escravidão e o racismo da seguinte maneira:

Sobre a relação entre escravidão e racismo, há basicamente duas explicações. A primeira parte da afirmação de que o racismo decorre das marcas deixadas pela escravidão e pelo colonialismo [...]. Outra corrente, [...] dirá que as formas contemporâneas do racismo são produtos do capitalismo avançado e da racionalidade moderna [...] (ALMEIDA, 2019, p. 183).

Nesse último caso o racismo pode ser renovado por ser uma forma de controle social no qual para se obter lucros maiores é necessário pagar menos para alguém, então segue-se na linha de explorar o mais fraco, como negros e mulheres.

Também, Gomes (2019), traz dados históricos do início da escravidão na região da América do Sul, ele afirma que Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil em 1500 e, pouco tempo depois, em 1535 começou o tráfico de cativos africanos. Por volta de 1800, praticamente todos os brasileiros livres eram donos de escravos, incluindo inúmeros ex-cativos que também tinham seus próprios criados.

Com o tempo, o Brasil tornou-se o maior território escravista do hemisfério ocidental e, posteriormente, o país que mais tempo resistiu a acabar com o tráfico negreiro e o último a abolir oficialmente a escravidão no continente americano, em 1888. De acordo com Gomes (2019), o país recebeu quase 5 milhões de africanos cativos, 40% do total de 12,5 milhões embarcados para a América. Como resultado, é atualmente o segundo país de maior população negra ou de origem africana do mundo, mesmo com as inúmeras políticas de branqueamento promovidas pelo governo após o abolicionismo.

Sobre ser o último país das Américas a acabar com a escravidão, Almeida diz “No Brasil, vale lembrar que a razão invocada por muitos juristas do século XIX para se opor à abolição da escravidão residia na necessidade de se manter o respeito ao direito natural de propriedade” (ALMEIDA, 2019, p. 132).

Nesse sentido, a escravidão do povo africano se distingue da escravidão do povo russo por duas características principais e Gomes (2019) os descreve:

A história da escravidão na América se distingue das formas mais antigas de cativo por duas características principais. A primeira é o regime de trabalho. No passado os escravos eram usados em serviços domésticos; nas oficinas como marceneiros e ferreiros; na agricultura; nos navios; marchavam como guerreiros para defender as causas de seus senhores e, muitas vezes, chegavam a ocupar altos cargos administrativos, como os de eunuco escriba e tesoureiro real. Na América, também havia essa classe de ocupações, mas a escravidão se tornou sinônimo de trabalho intensivo em grandes plantações

de cana-de-açúcar, algodão, arroz, tabaco e, mais tarde, café. Escravos eram usados também na mineração de ouro, prata e diamantes [...]. A segunda característica que diferencia a escravidão na América de todas as demais formas anteriores de cativeiro é o nascimento de uma ideologia racista, que passou a associar a cor da pele à condição de escravo [...] (GOMES, 2019, p. 72-73).

Assim, com o passar do tempo, a escravidão tornou-se sinônimo de crueldade e preconceito racial, o que no princípio não existia. A escravidão era uma forma de dominação de um povo sobre o outro, principalmente por território, e aqueles que detinham o poder tinham obrigação moral de manter seus dominados, seja com abrigo, alimentação, boas condições de higiene e dignidade.

Além do trabalho em lavouras, minas e engenhos, os cativos eram utilizados em um negócio paralelo. Trata-se de algo tão constrangedor que nunca recebeu grande destaque na história da escravidão, mas segundo Gomes era “a reprodução sistemática de cativos, com o objetivo de vender as crianças, da mesma forma como se comercializavam animais domésticos” (GOMES, 2019).

À medida que os cativos eram capturados e chegavam nos seus destinos precisavam tornar-se atraentes para a venda ou o valor baixaria. Gomes (2019) destaca algumas técnicas que eram utilizadas para que isso acontecesse, como retirar as correntes e algemas que prendiam os escravos para evitar marcas ou machucados maiores, lavá-los cuidadosamente com esponja e sabão, tratar e cobrir as feridas com pó cicatrizante, arrumar os cabelos e arrancar os fios brancos ou pintar de preto, polir com pedra de areia fina o rosto e tronco daqueles com mais idade para parecerem mais jovens. Reforçar as refeições para parecerem mais fortes, untar os corpos com óleo de dendê para ficarem brilhantes e parecerem mais hidratados.

Souza (2017), afirma que com a urbanização e o fim da escravidão houve a decadência do patriarcalismo e dos senhores de terras, que passaram a ter dívidas enormes. Esses fatores representaram uma piora nas condições de vida dos negros livres e de muitos mestiços pobres das cidades. Os libertos foram colocados na rua sem ajuda, sem emprego, sem dinheiro, sem estudo e o seu abandono os fez, então, perigosos, criminosos, maconheiros, etc.

Naturalmente, o abandono trouxe consequências e os métodos de sobrevivência passaram a anteceder a imagem do negro, uma vítima da estrutura social da época. Sobre a estrutura do racismo Almeida prega:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, p. 50).

O racismo está presente na estrutura da sociedade, bem como, dos seres humanos que nela habitam. Ser racista é considerado normal e esse comportamento começou na época da escravidão.

Libertá-los sem ajuda equivaleu a uma condenação eterna. Eles foram jogados dentro de uma ordem social competitiva, que não conheciam e para qual não haviam sido preparados. Sem condições de competir na nova ordem restava a escória proletária, o ócio dissimulado ou a criminalidade como forma de preservar a dignidade do homem livre. Ao perderem a posição de principal agente de trabalho para imigrantes e, posteriormente, para máquinas, os negros perderam qualquer possibilidade de classificação social, segundo Souza (2017).

Dessa forma, a população negra e mulata, que implica miscigenação com outras raças, começou a aumentar e preocupar o governo que, a partir do final do século XIX, trouxe milhões de europeus para o Brasil a fim de promover uma política de branqueamento da população. Souza (2017) acredita que para a sociedade contemporânea à escravidão embranquecer significava compartilhar os valores dominantes dessa cultura, consideravam alguém da cultura africana primitivo, incivilizado, incapaz de exercer as atividades que se esperava de um membro de uma sociedade civilizada.

O ódio ao pobre de hoje é a continuação do ódio devotado ao escravo de ontem. Os pobres são considerados inferiores, desqualificados e perigosos, segundo os autores pesquisados, uma herança do abandono ao escravo e das formas encontradas para a sua sobrevivência. Souza (2017) destaca a criação dos condomínios fechados para separar o rico do pobre, se fosse antigamente seria para separar o senhor do liberto.

O último Censo demográfico do IBGE, de 2010, aponta que o valor de rendimento médio mensal para a população branca é de 1.622,75, para a parda de 872,57 e para a população negra é de 866,23. A população parda é considerada a miscigenação entre o povo branco e o negro. O que foi uma grande preocupação para a elite pós escravidão e um dos motivos que levou a política de branqueamento, como aponta este capítulo.

No entanto, algumas pessoas acreditam em racismo reverso, mas para Almeida (2019) não existe, pois essa forma de racismo nada mais é do que o racismo habitual, só que pelo avesso. O autor destaca que o termo reverso já indica que há uma inversão da normalidade, que é o racismo contra uma minoria, no caso do trabalho, o destaque vai para os negros. E mesmo que existisse o racismo reverso, ele não chegaria a afetar um grupo majoritário, pois ele não seria capaz de fazer brancos perderem vagas de emprego por serem brancos e nem terem sua capacidade colocada a prova pela cor.

Uma possível solução para o racismo é apontada por Almeida:

A solução do racismo envolveria algum tipo de mudança institucional e reorientação moral - segundo Myrdal - ou até mesmo estrutural e revolucionária - segundo Cox -, que, de um modo ou de outro, exigiriam interferências na relação Estado/mercado, e não apenas em comportamentos (ALMEIDA, 2019, p. 159).

A partir da fala de Almeida, pode-se perceber que o preconceito faz parte de uma engrenagem social e para acabar com ele seria preciso mudar não apenas o comportamento humano, mas a forma como a sociedade se desenvolve.

Assim, o artigo busca analisar o olhar do negro sobre si mesmo, e como esse olhar se formou através da retrospectiva da história do negro, desde a captura até os dias atuais. Olhar, esse, que assujeita o negro às características de perigoso, preguiçoso, feio e mau, e que os leva a reproduzir um discurso que não é seu, mas do outro, o qual foi construído em uma longa caminhada histórica-ideológica da sociedade.

4 O VÍDEO “DOLL TEST”

4.1 APRESENTAÇÃO DO VÍDEO

O “Teste da Boneca” ou “Doll Test” é um estudo criado pelo casal de psicólogos Kenneth Clarck e Mamie Phipps Clark no ano de 1939, quando também foi aplicado pela primeira vez. O teste voltou a ser feito muitos anos depois pela cineasta Davis Kiri, em 2006. Nas duas vezes em que o experimento foi desenvolvido as respostas foram as mesmas, o enaltecimento da boneca branca em relação à negra, o que é um forte indício de que o racismo ainda não foi eliminado.

No experimento, duas bonecas são colocadas em cima de uma mesa, uma ao lado da outra, as bonecas são idênticas, exceto pela cor da pele e dos olhos, uma é branca com olhos azuis e a outra é negra com olhos pretos. Dois grupos de crianças foram selecionados para o teste, um de crianças brancas e outro de crianças negras. Elas são colocadas em frente às bonecas, uma por vez, e precisam responder a algumas perguntas objetivas feitas pelo narrador. As perguntas visam coletar dados para o teste a partir das respostas obtidas.

As perguntas pedem para que os participantes apontem para a boneca que considerarem bonita ou feia, boa ou má, entre outras coisas, e algumas perguntas ainda pedem para que eles expliquem o porquê da resposta dada. A última pergunta da pesquisa questiona com qual boneca eles se parecem, talvez para causar uma reflexão sobre as respostas anteriores.

Por sua vez, as respostas apontam que tanto as crianças brancas quanto as negras consideraram a boneca branca como bonita e boa, enquanto a boneca negra foi descrita como feia e má. O que é mais surpreendente no teste é que as crianças negras não reconhecem coisas boas na boneca da sua cor, mesmo sabendo que se parecem com ela, esse fato leva a sociedade a pensar que a visão de inferioridade é adquirida desde cedo.

De acordo com informações coletadas na internet o vídeo selecionado é composto por fragmentos do experimento original dos Clarks, por isso sua imagem possui pouca definição, mas mostra que os conceitos continuam vigentes atualmente.

A opção de se trabalhar a partir desse vídeo, mesmo sendo mais antigo, se justifica pelo fato de que o mesmo reflete um pensamento que continua sendo transmitido às novas gerações, o que torna o seu discurso ainda atual.

5 METODOLOGIA

Neste trabalho se busca analisar, como foi dito anteriormente, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha Francesa, os discursos apresentados por crianças negras a partir das respostas dadas a perguntas direcionadas por meio de entrevista.

A visão de diversos autores sobre a Análise do Discurso de linha Francesa ajudará a construir o artigo voltado para o racismo subjetivo no discurso de crianças negras. O teste foi feito há muitos anos, na década de 40, mas seu conteúdo continua atual: a ausência do sentimento de igualdade por crianças e o processo de formação do sujeito que mais tarde será projetado na sociedade através do seu próprio discurso.

A análise do discurso permite verificar tal fato, através das marcas linguísticas reveladas mediante o funcionamento do intradiscurso. A partir da análise intradiscur-siva chegar-se-á ao nível interdiscursivo que trata das relações que a sequência discursiva estabelece com o seu exterior constitutivo.

Para a AD, o sujeito desconhece o modo como os saberes passaram a fazer sentido nele, mas acredita ser dono deles. Como os sentidos não são literais, a análise opõe à transparência da linguagem, a literalidade do sentido, desvendando a opacidade e intencionalidade, o descentramento e o efeito de sentido produzido no contexto em que se vive.

E, assim, este trabalho busca analisar o vídeo “Doll Test”, considerando as posições sujeito em que se as crianças entrevistadas se encontram, levando-se em conta as condições de produção discursivas, bem como o lugar por eles ocupado no discurso. Por ser uma análise proposta no âmbito da análise do discurso, considerar-se-á não só os aspectos linguísticos, mas também históricos, sociais e ideológicos.

É importante ressaltar que na Análise do Discurso não existem modelos prontos. Os princípios metodológicos que norteiam o processo interpretativo do analista resultam da observação e análise dos processos discursivos. Mediante a análise desses processos, pode-se chegar aos efeitos de sentido no discurso.

Assim, este estudo busca analisar e refletir sobre as questões de racismo e pré-conceitos determinados sócio e historicamente e que passam a fazer parte do discurso de outros (inclusive de crianças negras) como se fossem verdades absolutas.

6 TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO

Após a apresentação dos princípios teóricos referentes à AD, da historicidade do negro e da contextualização de produção do vídeo analisado, têm-se a transcrição das sentenças discursivas estabelecidas entre as crianças e o entrevistador no trecho transcrito. Na sequência, capítulo 7, serão realizadas as análises das mesmas, com base na teoria desenvolvida anteriormente.

Para realizar a análise das sentenças discursivas serão considerados os sentidos do discurso e as condições de produção esboçando o dito e o “não dito”, o que é explicitado e o que está implícito. Juntamente com a descrição das imagens será feita a análise discursiva, apresentando o diálogo estabelecido na exibição do vídeo, o qual traz duas bonecas com características semelhantes, exceto pela cor da pele, uma é branca e a outra negra.

O negro permanece ainda hoje, perpetuando o discurso do outro, as ideologias propagadas por um sistema social segregador, apesar de não se reconhecer como tal e viver sob o “mito da democracia racial”.

O vídeo é composto por fragmentos de uma entrevista realizada com um grupo de oito crianças (C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7 e C8), meninos e meninas, todos negros. O entrevistador é branco, do sexo masculino e será chamado de locutor (L).

No início do vídeo um homem branco, na faixa dos 40 anos de idade, cabelos levemente grisalhos, de terno preto, camisa branca e gravata azul aparece sentado numa mesa com papéis à sua frente. Há outras pessoas na sala, provavelmente participantes da pesquisa e familiares das crianças. A sala possui paredes escuras e a luz baixa, as crianças estão sentadas numa cadeira com uma mesa na frente. A mesa possui duas bonecas em cima, os brinquedos são do mesmo modelo, diferentes apenas pela cor da pele e dos olhos, uma tem a pele negra e os olhos castanhos e a outra a pele branca e os olhos azuis.

(L) – Que boneca é negra?

[breve silêncio]

(C1) – Aquela [responde a primeira criança indicando a boneca negra com o dedo]

(L) – Que boneca é bonita?

(C2) – Aquela [aponta a segunda criança para a boneca branca]

(L) – Que boneca é bonita?

(C3) – Essa aqui. [responde a terceira criança tocando a boneca branca com o dedo]

(L) – Que boneca é legal?

(C4) A quarta criança aponta para a boneca branca e permanece em silêncio.

(L) – Que boneca é má?

(C3) – A terceira criança toca a boneca negra.

(L) – Que boneca é legal?

(C5) – A quinta criança aponta para a boneca branca.

(L) – Que boneca é má?

(C6) – A sexta criança aponta para a boneca negra.

(L) – Por que essa boneca é agradável?

(C7) – Porque ela é branca e tem olhos azuis. [Responde a sétima criança]

(L) – Que boneca é feia?

(C7) A sétima criança apenas toca a boneca negra.

(L) – Por que essa boneca é feia?

(C7) – Porque ela é... Porque ela é negra. [Responde a sétima criança de forma hesitante]

(L) – Que boneca parece com você?

(C8) – Como eu?

(L) – Sim, como você.

(C8) – Aquela ali. [aponta para a boneca negra]

(C8) – Aquela boneca. [repete em voz baixa com cara de espanto e tristeza]

(L) – Certo.

7 ANÁLISE DAS SENTENÇAS DISCURSIVAS

A análise das sentenças discursivas presentes no vídeo “Doll Test” discorrerá sobre o ambiente em que o teste ocorreu, os participantes, crianças e locutor, as perguntas desenvolvidas, as pausas, o silêncio, as expressões, o não dito.

Analisar o não dito, o que se encontra no silêncio se justifica com uma afirmação de Orlandi a qual diz que “o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem” (ORLANDI, 1997 apud FONTOURA, 2015, p. 32). Dessa maneira, o silêncio conta no discurso, traz significados que as palavras são incapazes de fazer.

A partir disso, este estudo busca realizar uma análise discursiva a fim de verificar as marcas de preconceito presente nas respostas das crianças e sua origem, buscando a conscientização desse problema social.

O questionário é objetivo e o locutor já começa perguntando qual boneca é negra, como uma forma de chamar atenção para a diferença de cor entre elas como se ser negro fosse algo ruim, pois poderia ter perguntado qual boneca é branca ou qual é a diferença entre as bonecas, já que ambas são iguais. A C1, menina, sentada diante dos brinquedos ao ouvir a pergunta olha para as duas bonecas e fixa-se na negra apontando e dizendo “Aquela”. O pronome demonstrativo aquela criou um certo distanciamento entre a menina e a boneca, como se a cor negra não fizesse parte do seu universo.

Logo, a menina atribui sentido negativo para a palavra negra, área descrita pela AD no item 2.1.1. Seu discurso é assujeitado pela ideologia social em que está inserida, de que a cor negra é inferior, fazendo com que ela se reconheça como sujeito ao renegar a sua cor, não ao assumi-la.

Na segunda pergunta o locutor deseja saber qual boneca é bonita e a C2, menino, responde “Aquela”, a C3, menina, toca a boneca branca e diz “Essa aqui”. As crianças possuem certeza das suas respostas e aparentam contentamento com isso, pois a boneca negra jamais poderia ser a mais bonita de acordo com o que eles escutaram ao longo de suas vidas.

Esse fato acontece porque a sociedade brasileira ainda considera a pele branca, o olho claro e o cabelo liso como um padrão de beleza a ser admirado, dessa

forma a beleza negra com todas as suas características é menosprezada, o que não deveria acontecer num país com uma diversidade étnica tão grande.

Sabe-se que o conceito de belo varia de sociedade para sociedade, e as discussões sobre os padrões de beleza são constantes, mas todos sabem que uma pessoa de origem africana possui traços diferentes de uma pessoa de origem caucasiana.

Seguindo nesse raciocínio, pode-se usar o exemplo da conhecida boneca Barbie, da Mattel. A boneca que é inspiração para muitas meninas possui um modelo padrão, é alta, magra e loira desde a sua criação, em 1959. Em 1965 foi lançada sua primeira versão negra, porém ela permanecia com os mesmos traços da boneca branca, exceto pela cor.

Apenas em 1968 que a Mattel lançou a boneca Christie, uma nova versão da Barbie com traços africanos. Assim, percebe-se que até no universo dos brinquedos o negro é discriminado e está atrás do branco, especificamente 9 anos as meninas negras tiveram que esperar por uma boneca na qual pudessem se reconhecer.

Muitas pessoas consideram os traços caucasianos como características ideais de beleza, o que leva muitas mulheres negras a querer segui-los e alisar o cabelo ou afinar o nariz, um claro assujeitamento a uma cultura e discurso do outro, como já visto no item 2.3.1.1.

Na sequência, a C4 e a C5 foram questionadas sobre qual boneca é legal, provavelmente elas pensaram com qual gostariam de brincar, qual as outras pessoas elogiariam, qual parecia mais querida e agradável. Isso leva as pessoas a pensarem no produto que a sociedade está formando através da ideologia, que as crianças não conseguem ver o negro com afetividade.

A ideologia não é consciente, como visto no item 2.4.1, por isso essas crianças não percebem que estão transmitindo um discurso que não lhes pertence, ela é a relação do sujeito com a língua e a história, tudo que aconteceu ao longo dos anos para formar o que o indivíduo conhece na sociedade em que vive.

A criança negra se habitua a ver seus pais, familiares e semelhantes em posição de servidão, sendo subalternos do branco ou trabalhando em serviços alternativos por falta de oportunidades. Além disso, muitas dessas crianças são obrigadas a trabalhar para contribuir na renda de casa e têm sua infância roubada, sofrem violência, passam por momentos de insegurança e incerteza quanto ao futuro. Em contrapartida, a imagem que se tem da infância, difundida pela grande mídia, é

de crianças brancas, felizes, brincando, estudando, comendo bem para crescerem fortes e saudáveis, sem problemas ou preocupações. Diante disso tudo, inconscientemente, o interdiscurso, visto no item 2.2.2.1 e que é o já dito antes, os leva a conceber que o “legal” é participar dessa parcela privilegiada da sociedade.

Para a C6 é feita a pergunta “Que boneca é má?” e a criança indica a boneca negra. A construção de bom ou mau, através da cor, ocorreu ao longo dos anos, após o fim da escravidão, quando os negros se viram sem casa e comida obrigando-se então, por muitas vezes, a roubar. Essa imagem é reforçada diariamente, através do auto número de negros envolvidos com a criminalidade.

Por outro lado, essa visão preconceituosa de que o negro é mau e perigoso está em todos os âmbitos sociais, mesmo quando ele não está envolvido em delitos e ocupa boas posições. Isso tudo faz parte de uma formação discursiva por trás da fala desses sujeitos e que já causou o apagamento da sua consciência individual e toda forma de preconceito passa a ser naturalizada.

O locutor pergunta para a C7 “Por que essa boneca é agradável?”, a criança responde “Porque ela é branca e tem olhos azuis”. O menino relaciona agradabilidade com beleza algo que é pregado pela sociedade atual, e já foi citado anteriormente, através do aumento frequente de pessoas em busca de tratamentos estéticos e a alta inserção dessas pessoas em redes sociais querendo mostrar o seu “melhor”.

A C7 também responde à pergunta “Que boneca é feia” tocando na boneca negra sem hesitação. Nessa questão as características estéticas do branco, mais uma vez, são consideradas melhores. A boneca negra é indicada como a feia e com ela todas as pessoas que compartilham de sua cor.

Ainda sobre a C7, o menino precisa responder porque considera aquela boneca feia e ele simplesmente diz “Porque ela é...Porque ela é negra” sua resposta hesitante deixa claro que não há outro motivo a não ser pela cor, uma forma de discurso assujeitado, o qual a criança está reproduzindo vozes outras. Por estar inserido no espaço de formação discursiva, a criança absorve as ideologias que a cercam e produz seu próprio discurso, mesmo que assujeitado.

Após a resposta da C7 consegue-se perceber uma pausa no seu discurso, como se nesse pequeno espaço de tempo, entre as palavras, se pudesse ler seu autoconhecimento como negra e ela relutasse em se assumir como tal.

A última pergunta é feita para a C8 e o locutor deseja saber qual boneca se parece com ela, a menina fica surpresa com a pergunta e pensa bastante na resposta,

não porque ela não saiba e sim porque nesse momento ela foi obrigada a reconhecer que todas as respostas anteriores foram contra ela mesma e que ela não é feia ou má. Para ter certeza de que ela precisava responder e sobre qual resposta seria mais adequada ela pergunta “Como eu?” e o locutor afirma que sim. Após essa hesitação ela aponta para a boneca negra que possui as suas características étnicas, que carrega os conceitos de má, feia e desagradável. A sua resposta é “Aquele ali”, uma resposta carregada de tristeza, dor e decepção, claramente a resposta mais dolorosa da pesquisa.

As paredes escuras e a luz baixa promovem uma reflexão maior de como essas crianças sentem-se internamente, o silêncio cria uma certa expectativa pelas respostas e posteriormente a música de fundo um suspense sobre desfecho da pesquisa. A inocência estampada no rosto das crianças mesmo tratando de um tema tão sério é dolorosa de se ver por que eles estão apenas reproduzindo o que a sociedade prega.

A partir dessas percepções que se despertou para um estudo mais aprofundado sobre o tema, partindo do pressuposto de que a maioria das crianças negras estão internalizando e difundindo um discurso ideológico que vem desde a época da colonização e os impede de construir sua própria identidade.

Na menina de número 8 estão presentes estes estigmas sociais pois mesmo ela sabendo que é negra descreve a boneca da sua cor apenas com características negativas e sente dor ao ser obrigada a reconhecer que é com aquela que se parece. Essa mesma criança responde contente por estar participando, mas inconscientemente transmitindo o discurso racista do qual foi falado no capítulo sobre historicidade do negro. Ao concretizar sua resposta com “The Black Door” ou seja “a boneca negra” ela toma aquela dor para si e se retrai, só nesse momento percebe a crueldade daquele discurso que proferiu.

Pessoas negras podem reproduzir o racismo de que são vítimas de acordo com Almeida (2019), é comum que eles internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem. De tanto a sociedade pregar que negros são suspeitos os próprios negros passam a desconfiar do seu semelhante.

A formação ideológica faz com que indivíduo se constitua como sujeito dentro da sociedade através da língua e, permite, também, que o indivíduo retome o seu discurso ao longo do tempo o reformulando, como visto no item 2.4.1.1. O que espera-

se dessas crianças é que eles retomem esse discurso racista em uma determinada fase de suas vidas e os reformulem, que tenham orgulho de dizerem que são negros, que deixem de lado a ideia de superioridade da raça caucasiana, que entendam que todos os seres humanos são iguais e, que passem isso para seus filhos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o que foi exposto no artigo, pode-se afirmar que a condição do homem negro não mudou muito ao longo dos anos, passou de cativo para livre, mas permanece sofrendo preconceito racial. Dessa maneira, o grande desafio do presente trabalho e, da sociedade atual, é tentar acabar com o discurso sócio-ideológico que atravessou várias gerações e continua se instalando nos seres humanos desde cedo, como o apresentado pelas crianças do vídeo.

Mediante as análises efetuadas, confirma-se a hipótese inicial deste trabalho, de que o ser humano utiliza vozes outras no seu discurso e através disso faz uso da carga que elas possuem. No caso, as crianças do teste, mesmo pequenas, entre 5 e 7 anos, demonstram preconceito racial nas respostas dadas às perguntas, mesmo algumas delas sendo negras, não se reconhecem na boneca. As respostas são automáticas, e os efeitos de sentido na caracterização das bonecas não correspondem aos sentimentos que as crianças possuem, uma vez que, após comparada a cor da boneca, a criança para e reflete sobre o assunto, como se nesse momento algo fosse quebrado (jogo discursivo e formação discursiva). Nesse enfoque, fez-se uma contextualização, transcrição e análise do vídeo estudado, utilizando as teorias da AD para expor, justificar e tentar entender as sentenças discursivas presentes na fala das crianças e do entrevistador.

Assim, essas crianças negras foram capazes de afirmar que a boneca negra era feia, má e desagradável, enquanto a boneca branca ficou com as qualidades de bonita, boa e inteligente. Logo, quando questionadas sobre o motivo pelo qual atribuíram apenas coisas negativas para a boneca negra a criança número 7 respondeu que é porque ela é negra. Nesse momento fica claro o preconceito presente na sociedade e que foi capaz de assujeitar ideologicamente essa menina em processo de construção e produção de conceitos e significados.

Baseado nos pressupostos da Análise do Discurso, de linha francesa, se desenvolveu todo o estudo. A AD é capaz de explicar a formação dos discursos presentes no vídeo “Doll Test” e, a partir daí, iniciou-se um resgate histórico da teoria, onde foram essenciais as definições de termos como sentido, texto, discurso (formação discursiva), sujeito (assujeitamento) e ideologia. Assim como, foi importante determinar a visão de historicidade que esse campo possui.

Em conclusão, espera-se que o presente trabalho, Inferiorização do negro – um discurso transmitido ao longo das gerações permita uma reflexão sobre a utilização e absorção das vozes outras e com isso o preconceito presente nelas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAUJO, Vanderlei Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. In: _____. Universidade Federal de Ouro Preto - Mariana – MG. 2013, p. 34-44.

BATISTA, Jeize de Fátima. Atividades de leitura: Uma análise discursiva. 2005. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) RS: Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira. 2ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2002.

FONTOURA, Elizá da. Olhar negro – Um discurso do eu ou um discurso do outro. 2015. 43 f. Dissertação (Pós graduação *Lato Sensu* em Linguagem e Ensino) RS: Universidade federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, 2015.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens livres na ordem escravocrata. – 4. Ed. – São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997. – (Biblioteca básica)

GOMES, Laurentino. Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, volume 1. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. (Uma história da escravidão no Brasil; 1).

KASHIURA JR., Celso Naoto. Sujeito de direito e interpelação ideológica: considerações sobre a ideologia jurídica a partir de Pachukanis e Althusser. In: Revista Direito e Práxis, vol. 6, núm. 10, p. 49-70. Universidade do Estado do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil, 2015.

MESTRE VIRTUAL. Teste da boneca – racismo x construção. Disponível em: <<https://mestrevirtual.blogspot.com/2012/08/teste-da-boneca-racismo-x-construcao-da.html>> Acesso em: 05 de Set. 2019.

MONDO MODA. A história da boneca Barbie. Disponível em: <<https://mondomodacom.br/>> Acesso em: 20 de Jun. 2020.

NUNES, José Horta. Leitura de Arquivo: Historicidade e Compreensão. José Horta Nunes. In: _____. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), p. 1-7, 2005.

ORLANDI, Eni Pulchinelli. Discurso e leitura. 3. ed. Cortez, Campinas, SP: Editora da Universidade Federal de Campinas, 1996. (Coleção passando a limpo).

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. – 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PERES, Alcinei Antonio. A representação da leitura no curta metragem: “Os fantásticos livros voadores de Modesto Máximo” e a questão do ensino. 2017. 11 f. Trabalho de Conclusão de Curso I (letras-Português e Espanhol) RS: Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, 2017.

SOMMAVILLA, Sabrina Monteiro. O poder de persuasão em propagandas de alimentos da Nestlé: os efeitos de sentido e a interpelação ideológica dos consumidores infanto-juvenis. Trabalho de conclusão de Curso II (Letras-Português e espanhol). 2010. 62 f. RS: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Santo Ângelo, 2010.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. RJ: Leya, 2017.

TASCHETTO, Tania Regina. A presença do sujeito no discurso acadêmico – Uma análise em projetos de pesquisa. Tese (Doutorado em Letras). 2002. 170 f. RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ANEXO 1 – VÍDEO BASE PARA O PROJETO DE PESQUISA



Boneca.webm

_____. **Teste com crianças mostrando boneca negra e branca.**

Disponível

em:

<<https://www.bing.com/videos/search?q=teste+com+crian%c3%a7as+mostrando+boneca+negra+e+branca&&view=detail&mid=F1431233B5EFB92738E5F1431233B5EFB92738E5&&FORM=VRDGAR>> Acesso em: 02 de Setembro, 2019.